

Falta de caridade

O templo espírita tinha dimensões pequenas. Mas os amigos arranjaram um microfone. E Neves da Cruz, o orador convidado, falou para grande multidão. Gente por toda a parte, entupindo portas e abafando janelas. A maior parte dos ouvintes enfrentava a noite, do lado de fora.

Depois de belas considerações em alta voz, Neves terminou:

— Caridade, meus amigos! Todos podemos dar. Os Mensageiros Divinos acompanham todos aqueles que servem com amor. Fugir à caridade é cair na avareza. Viver na preguiça é cair no tédio. E avareza e tédio fazem as doenças sem cura.

Muito aplaudido, Neves retirou-se para o lanche em casa de amigos. E, depois do lanche, o recolhimento no hotel, para a viagem no dia seguinte. Fazia calor e, sem sono, desceu à calçada e pôs-se a ler sob a luz da marquise.

Nisso, passa um velho esfarrapado e pede,

estendendo a mão magra como graveto de carne viva:

— Uma esmola pelo amor de Deus!

Neves enfia a mão gorda e quente no bolso do paletó, e, sentindo-se antecipadamente na posse da oferta, diz o mendigo:

— Que os bons Espíritos o acompanhem...

O provável doador, no entanto, só encontra uma nota de cem cruzeiros como dinheiro trocado, e desiste.

Vendo que a mão vinha vazia, o ancião completou, revoltado:

— E nunca o alcancem...

Notando que estava sendo censurado, Neves torna a mergulhar os dedos no bolso, e o pedinte falou, novamente encorajado:

— Que os bons Espíritos o acompanhem e nunca o alcancem com doenças...

Cem cruzeiros, porém, no conceito do Neves, era muito, e a mão voltou sem nada.

Ao perder a esperança, o velho acrescentou:

— Que possam ser curadas.

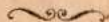
— Mas isso é uma injúria! — disse Neves, irritado. — Quem ensinou o senhor a pedir assim, rogando pragas?

E o velho:

— Hoje, na casa espírita, um homem falou que os bons Espíritos acompanham as pessoas

caridosas e que falta de caridade faz as moléstias sem cura.

Neves, ruborizado, sem dizer palavra, meteu a mão no bolso, arrancou a cédula de cem cruzeiros e deu-a ao velho.



12

Tentações

A conferência no templo espírita versara sobre tentações, compromissos, faltas, culpas...

Antônio Gama, distinto corretor, e a esposa, D. Cornélia, caminhavam de volta a casa, ao lado de Artur Ramos, companheiro de fé. E Antônio comentava:

— O orador não precisava ser assim exigente. Expôs, por mais de uma hora, como se nós, os da assembleia, fôssemos malfeitores.

— Entretanto — disse Ramos —, cautela nunca é demais. Todos somos capazes de cair...

— Ah! mas não temos a prece e o conhecimento? — falou Dona Cornélia. — E' impossível que estejamos assim tão atrasados!...

— Não! — tornou Gama — não somos tão ruins! Já subimos um degrauzinho...

A chegada ao lar interrompeu a conversação.

Logo, porém, depois de instalados em casa, enquanto Dona Cornélia preparava o chá, o telefone tilintou.

Gama atendeu.